



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CICERA LEITE VIANA

**O “INSUPORTÁVEL” CORPO FEMININO: ANÁLISE TEÓRICA ACERCA
DA REPRESSÃO SEXUAL FEMININA**

Juazeiro do Norte
2021

CICERA LEITE VIANA

**O “INSUPORTÁVEL” CORPO FEMININO: ANÁLISE TEÓRICA ACERCA
DA REPRESSÃO SEXUAL FEMININA**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Artigo Científico, apresentado à Coordenação
do Curso de Graduação em Psicologia do
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em
cumprimento às exigências para a obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Francisco
Francinete Leite Junior

Juazeiro do Norte
2021

CICERA LEITE VIANA

**O “INSUPORTÁVEL” CORPO FEMININO: ANÁLISE TEÓRICA ACERCA
DA REPRESSÃO SEXUAL FEMININA**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Artigo Científico, apresentado à Coordenação
do Curso de Graduação em Psicologia do
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em
cumprimento às exigências para a obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Francisco
Francinete Leite Junior

Aprovado em: 02/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Francisco Francinete Leite Junior
Orientador(a)

Prof. Esp. Indira Feitosa Siebra de Holanda
Avaliadora

Prof. Me. Larissa Maria Linard Ramalho
Avaliadora

O “INSUPORTÁVEL” CORPO FEMININO: ANÁLISE TEÓRICA ACERCA DA REPRESSÃO SEXUAL FEMININA

Cícera Leite Viana¹
Francisco Francinete Leite Junior²

RESUMO

Este estudo trata-se de uma revisão narrativa de literatura acerca da sexualidade feminina, levando em conta as teorizações da criação identitária, os aspectos subjetivos e as estratégias de enfrentamentos frente a uma cultura patriarcalista. Buscando compreender como a sexualidade feminina é colocada em discurso através do que é criado e perpassado entre gerações e culturas. Ao afirmar que essas imagens produzem uma pedagogia do feminino atrelada a uma submissão do masculino, pretende-se contribuir para a ampliação das análises realizadas no campo da psicologia e sexualidade muito trabalhada na psicanálise, que nos últimos anos, através das tendências metodológicas e teóricas, vem destacando o papel da sexualidade feminina e dar a devida importância a conceitos como identidade feminina, repressão e docilização dos corpos femininos. Conclui-se que o contexto sociocultural pode influenciar o fator psicológico da mulher, na criação da sua identidade e o quanto o conjunto dessas partes resultam, quase sempre, num cenário de problemas de ordem sexual que foram internalizados inconscientemente, como consequência das relações de poder que são postas a elas no decorrer da história da mulher.

Palavras-chave: Sexualidade feminina. Subjetividade. Movimentos feministas. Enfrentamento.

ABSTRACT

This study is a narrative review of literature about female sexuality, taking into account the theories of identity creation, subjective aspects and coping strategies against a list patriarchal culture. Seeking to understand how female sexuality is put into discourse through what is created and permeated across generations and cultures. By stating that these images produce a pedagogy of the feminine tied to a submission of the masculine, it is intended to contribute to the expansion of the analyses carried out in the field of psychology and sexuality much worked on in psychoanalysis, which in recent years, through methodological and theoretical trends, has been highlighting the role of female sexuality and giving due importance to concepts such as female identity, repression and docilization of female bodies. It is concluded that the sociocultural context can influence the psychological factor of the woman, in the creation of her identity and how the set of these parts result, almost always, in a scenario of problems of sexual order that have been internalized unconsciously, as a consequence of the power relations that are put to them throughout the history of women.

Keywords: Female sexuality. Subjectivity. Feminist movements. Confrontation.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: ciceraleite30@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: francinetejunior@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A imposição dos padrões normativos de uma sociedade cisheteronormativa exerce sobre a mulher patamares que vão além do patriarcalismo. O comportamento, a profissão, os gostos, as inclinações artísticas e a aparência, integraram-se à um conjunto de fatores que fazem com que a imagem feminina sempre esteja relacionada ao modo que o homem irá receber tal postura, trazendo implicações claras sobre o corpo. Não muito diferente, de modo constante, a ideia de que a mulher precisa da figura masculina para o exercício de sua sexualidade, é outra vertente imposta por essa cultura patriarcal. Observa-se demasiadas imposições por um longo período de tempo que marca o percurso até chegarmos a época em que as mulheres começam romper as amarras sociais, fortemente alicerçadas na cultura da opressão, da superioridade do papel do homem ao da mulher e vão à luta pela sua independência sexual (GEZONI, 2011).

Nesse sentido, este estudo é relevante por demonstrar como e quando aparece na cultura a submissão do gênero feminino, para a comunidade em geral compreender essa perspectiva histórica, tendo em vista essa busca constante de igualdade de gênero. Por isso, é necessário perceber como são formadas e legitimadas essa cultura de docilização, submissão e criação da identidade feminina, fazendo com que as pessoas se identifiquem ou diferenciem-se de acordo com as características socialmente valorizadas e determinadas. Ressalta-se a relevância pessoal que a autora possui com o tema por enfrentar na sociedade em que vive e perceber a influência dessa repressão, produzindo estratégias pessoais de enfrentamento.

Sua relevância para o âmbito acadêmico, é contribuir para a desmistificação das diferenças e preconceitos em relação ao sexo feminino, colocando em pauta a subjetividade e a criação identitária da mulher, além de tratar-se de uma produção de conhecimento e as possibilidades de transformação desse quadro. Para a área da psicologia tendo em vista que esta estuda o sujeito em todas as suas dimensões e a sexualidade é fator importante na formação do sujeito, pois abrange uma complexidade que no campo da psicanálise segundo Freud (2016), perpassa gênero, identidade sexual, orientação, desejos, crenças e valores, ajudará no entendimento desse fenômeno na formação da identidade feminina, além de vir em auxílio aos estudos feministas oferecendo essa perspectiva de romper com esses traços da repressão.

Para entender o lugar da mulher na sociedade, há de se percorrer e conhecer a história entendendo a formação de sua identidade, de seus grupos sociais, e principalmente seu posicionamento nos contextos nos quais estão inseridas, buscando responder à pergunta norteadora do estudo, sendo ela quais as consequências da cultura patriarcalista na criação identitária da sexualidade feminina à luz da literatura científica.

Portanto firmou-se como objetivo principal compreender as consequências da cultura patriarcal na formação identitária da sexualidade feminina, neste sentido, buscou-se analisar como foi construída a noção da dependência do prazer nas práticas sexuais e como essas práticas influencia no comportamento feminino, entender a luta das feministas frente as proibições na vida sexual e as questões emergentes das vivencias das mulheres sobre sexualidade e descrever as estratégias de enfrentamento da cultura patriarcalista.

Deste modo, pretende-se com este estudo, aprofundar a questão, buscando contribuir com reflexões pertinentes em relação às práticas referentes a uma sexualidade livre, tendo em vista que a academia também é responsável pela compreensão das relações de gênero na sociedade.

2 METODOLOGIA

Este estudo é uma revisão narrativa da literatura, que segundo Elias et al.; (2012), estabelece relações com produções anteriores, identificando temáticas recorrentes, apontando novas perspectivas, consolidando uma área de conhecimento e constituindo-se orientações de práticas pedagógicas. Com isso foi realizado o levantamento através de artigos, livros, revistas, pesquisas e publicações a respeito do tema abordado, os critérios de inclusão foram textos publicados entre 2000 e 2020, com exceções dos livros de autores como Freud, Foucault, Lauretis e Reich que trazem essa temática em seus livros datados de mais de 20 anos de publicação, que estão presentes na análise histórica da repressão sexual feminina, com conceitos iniciais da sexualidade humana como fator importante no desenvolvimento e as definições, pensamentos e proibições que cercavam o feminino.

As palavras chaves pesquisadas para critério de seleção foram “sexualidade feminina”, “cultura patriarcal”, “docilização dos corpos femininos”, “subjetividade” e “luta das feministas”. Esses arquivos foram encontrados na base de dados do SciELO e Google Acadêmico, procurando autores renomados e trabalhos de relevância para enriquecer esse acervo teórico. Para análise foi feito o levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa, assim os dados foram agrupados com seus conceitos, semelhanças e histórias, para melhor compreensão do assunto, conhecer os vários pontos de vista dos diferentes autores e as questões detalhadas da complexidade do comportamento humano, favorecendo uma investigação mais profunda das atitudes e tendências comportamentais das mulheres diante dessa cultura patriarcalista.

3 NOÇÕES HISTÓRICAS DA REPRESSÃO SEXUAL FEMININA

Quando olhamos para todas as práticas atuais de repressão, observamos que suas raízes estão no berço da cultura e das normas criadas para manter a necessidade de uma imagem pura da mulher, virgem e obediente, tendo na religião a imagem da virgem Maria para ser seguida. Louro (2000), traça dois pontos que sustentam essa tese, o primeiro é que a compreensão de sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas social e política, e o segundo ponto é o fato de que a sexualidade é construída, ao longo da vida de muitos modos, por todos os sujeitos. Podemos ver uma questão subjetiva, mas a presença das fortes influências do grupo do qual o sujeito faz parte.

Desde muito tempo a repressão sexual acontece, de diferentes formas e diversos determinantes, entre eles podemos citar a igreja que a partir de um pressuposto que prazer na relação sexual era algo pecaminoso e que não devia ser vivido nos momentos dos casais, em seguida podemos observar o contexto social, em que as mulheres deviam ficar em casa, cuidar dos filhos, dos afazeres domésticos e servir aos seus esposos, enquanto estes viviam suas vidas extraconjugais. Desde o início a igreja consagra o matrimônio como um sacramento importante e declara uma certa dependência da mulher ao homem, a ideia de que os casais estão para procriar, a mulher com o papel de mãe, esposa e do lar, e o estigma social onde o sexo é para reprodução e prazer nas relações sexuais só nos bordeis e exclusividade para os homens (FOUCAULT, 1988).

Para Louro (2000), o investimento no corpo e na sexualidade vem de acordo com a sociedade e grupos dos quais os sujeitos pertencem e buscam adequam-se as normas ali impostas, as formas que se apropriam do que é certo e o que é errado, o que pode e o que não se pode fazer, a fim de entrar nos padrões que a sociedade coloca como condizente ao papel do feminino e do masculino.

Esse sistema de sexo-gênero vem como forma de delimitar poder na sociedade desde muito tempo, em que o sistema de símbolos e significados denotavam poder, prestígio, status, valor e hierarquia social, ainda hoje perceptível dentro de organizações e na própria sociedade da qual fazemos parte (LAURETIS, 1994). A desigualdade de gênero é algo que vem desde muito tempo e ainda é bem atual, afetam as mulheres em diferentes conjuntos, pontua-se ainda as questões levantadas pela autora, de opressão ao sujeito feminino e a submissão ao masculino, essa dependência devido a construção social e as mulheres tendem na maioria das vezes aceitar já que é algo que devido ao tempo não foi questionado até chegarmos ao que Costa (2005), vem relatar como a era dos movimentos feministas e as pautas de busca de igualdade de gênero,

veem que não faz-se necessário ser apenas objeto de prazer do outro, mas que podem ser livres para viverem sua sexualidade.

É com o tempo que surge novos conceitos e conhecimentos na área da sexologia, Lauretis (1994) em seus estudos define que

A concepção que as primeiras feministas, na virada do século, tinham da sexualidade não era exceção: que clamassem por “pureza” e se opusessem a atividade sexual, vendo-a como forma de rebaixar a mulher ao nível do homem, quer clamassem pela livre expressão da função “natural” e da qualidade “espiritual” do sexo por parte da mulher, o sexo significava sempre relações heterossexuais e, principalmente, penetração. É apenas com o feminismo contemporâneo que surge os conceitos de uma sexualidade feminina diferente e autônoma e de identidades sexuais femininas não relacionadas aos homens (P. 223.)

Assim, também ficou estabelecido, que a união dos espermatozoides com o óvulo poderia se realizar sem ocorrer o orgasmo feminino, este perde qualquer função conhecida. No Século XIX o que marca o discurso em torno da sexualidade feminina é essa irrelevância do orgasmo feminino na reprodução. Durante a fase inicial da ciência sexual no Brasil, concretiza-se o pensamento da perversão, hereditariedade e degenerescência. Essa classificação dos perversos incluía as mulheres pobres e consideradas mundanas, prostitutas, masturbadoras, neuróticas, histéricas, homossexuais, criminosas e ninfomaníacas (FREUD, 2016).

Por volta dos anos 50 a imprensa descreve que a sexualidade feminina é associada a reprodução e ligada apenas ao casamento seguindo a mesma linha dos anos anteriores e os discursos ali pregados, o papel da mulher seria o de senhora casada e sempre satisfazer os desejos do marido. Com o crescimento do movimento feminista e com a invenção da pílula anticoncepcional, a mulher apresenta uma maior liberdade sexual, na década de 70 o discurso sobre a sexualidade feminina adquire um novo sentido, pregando novas formas de prazeres e de vivências sexuais, assim, elas deveriam deixar a posição de assexuada e ir em busca de orgasmos, tendo segurança de si e exigente dos seus direitos sexuais, desta forma introduz-se no discurso o direito a masturbação, o que é também chamado de autoerotismo, mas pela cultura e criação a maioria se mantém com receio de conhecer e explorar o seu corpo (XAVIER FILHA, 2008).

Para Rago (2002), a imagem dos prazeres sexuais femininos resultava tanto de uma educação errônea, que acentuava sua ignorância em relação as necessidades sexuais e aos deveres conjugais, quanto a imagem de superioridade dos homens, estes submetiam suas esposas a regimes de relações sexuais de prazeres apenas para eles, sendo para elas o ato sexual como obrigação, muitas vezes com repugnância e dor. Para a visão médica da época também,

aos homens haviam sido induzidos erroneamente a acreditarem que as práticas sexuais prazerosas só poderiam ser consumadas com amantes ou prostitutas, respeitando religiosamente as esposas, aqui percebemos ainda como a religião continua reprimendo os desejos e a sexualidade feminina, com seus preceitos e ensinamentos.

De acordo com Gezoni (2011), a ausência de informação a respeito das questões sexuais, as distorções nos ensinamentos nos âmbitos religiosos e sociais podem determinar variados distúrbios sexual. Deste modo encontra-se as causas psicossociais das disfunções sexuais que observamos em duas categorias principais a primeira ligada ao sócio cultural, que são fatores psicológicos individuais, que vem com a experiência de vida do sujeito e a influência do meio cultural que o cerca. A segunda são as causas comportamentais, aqui colocamos as mudanças nas relações de gênero, nas concepções da sexualidade e consequentemente, nas relações matrimoniais vividas na primeira metade do século XX.

Nos seus estudos Heilborn (2006), coloca a relevância da abordagem sociológica da sexualidade, pois, com ela conseguiremos demonstrar que as ferramentas inconscientes de motivação social formam a subjetividade do sujeito, de forma que o intrapsíquico não tem sua origem apenas em uma psicologia individual, mas em um coletivo onde as regras são interiorizadas. O grupo social, por meio dos padrões de comportamentos, determina os papéis que os sujeitos devem representar, modo de se portarem e as colocam estas condutas, através desta internalização de papéis que se refere a maneira como a sociedade introduz no indivíduo o modo de viver, pensar e de agir dentro do grupo e fora dele, advindo a viver de acordo com isso sem questionar. O processo de aprendizagem das regras sociais acontece durante toda a vida e percurso do indivíduo e não consegue ser apagadas em um curto espaço de tempo.

Essa perspectiva encontra-se aliada a psicologia, “o quanto o produto cultural pode influenciar nos fatores psicológicos da mulher e o quanto o conjunto dessas partes resultam, em grande parte, num contexto de disfunções sexuais” (GONÇALO et al., 2016, p. 2). E são internalizados inconscientemente ao longo da vida, como resultado das relações de poder vivenciadas no decorrer da vida da mulher, da sua história e percurso individual e subjetivo

Se transportarmos estas preocupações para a década de 80, onde os mecanismos de repressão foram substituídos e adaptados à realidade social da época, de mãos dadas vem a Teoria da Revolução Sexual de Reich (1982), verifica-se a contra partida, que a grande liberação da sexualidade na sociedade vem como instrumento de alienação e delinquência sexual para a juventude, o avanço da sexualidade é enfraquecido pela permissividade gerada pela mídia capitalista para que não veja o seu horizonte político e de poder que a mulher tem, essa tarefa fica por conta do sistema dominante. No Brasil em fins do século XIX, as mulheres

estavam incorporadas à produção social, representavam uma parte significativa da força de trabalho empregada na época e ocupavam de forma cada vez mais crescente o trabalho na indústria, o que é um grande marco na história do país e da revolução sexual (HEILBORN, 2006).

Nos anos 90 no Brasil, também merece destaque a criação do Partido Republicano Feminista, pela baiana Leolinda Daltro, com o objetivo de mobilizar mulheres na luta pelo sufrágio, e a Associação Feminista, de cunho anarquista, com forte influência nas greves operárias de 1918 em São Paulo (SALES; VERAS, 2020).

Dando um salto para o Século XXI observamos que as mulheres fazem uma ruptura e se percebem no momento e as possíveis liberdades, as rupturas empurram-nas para frente, as ajudam a expandir todas as possibilidades, se fortalecerem e a conquistarem direitos. A permanência de muitas e a ausência de auxílio vindo da própria classe gera uma fragilidade no processo e no movimento, muitas mulheres criadas em um mundo patriarcal e machista, não conseguem se enxergar fora do foco masculino, vivem pelo olhar do homem, desse outro (FREUD, 2016). Enquanto umas lutam pela independência, outras querem uma única coisa: encontrar um príncipe encantado. Vemos que a pílula e a emancipação da mulher alteraram em definitivo as relações dentro da família, os envolvimento extraconjugais fascina uns e outros não, enquanto cresce o número de pessoas que querem viver sozinhas, a felicidade própria vem na frente dos cuidados entre os cônjuges e os membros da família (XAVIER FILHA, 2008).

As mulheres já podem retardar a maternidade e escolher o melhor momento para serem mães, da recusa, passou-se à escolha, o que já é uma vitória grande frente a tudo que vivemos, mas sente-se que ainda estão presas ao pensamento dos seus conjugues. Hoje, depois de Séculos de ocultação, a sociedade entregou-se a uma verdadeira sacralização dos corpos, a higiene e o esporte, primeiro reabilitaram os corpos masculinos e definem um novo padrão; mas as mulheres, seguiram esses preceitos colocados aos homens, nessa busca de perfeição e liberdade, em nossos dias, a identidade do corpo feminino corresponde ao equilíbrio entre uma tríade beleza, saúde e juventude, as mulheres, mais e mais, são impelidas a identificar a beleza dos corpos com juventude e a juventude com saúde (PRIORI, 2006; GOELLNER, 2015).

Nos últimos anos, o Brasil vivenciou progresso no debate público em torno das questões femininas e dos direitos das mulheres, temas como, aborto, a maternidade, assédio, feminicídio e carreira, vem sendo discutidos com maior ênfase na sociedade e ganhando espaço no cenário político e econômico. Um avanço e conquista para o Brasil foi a primeira presidente mulher em 2010 a Dilma Rousseff, dando um engajamento maior da mulher na política com sua inserção,

a luta pelo direito das mulheres vem progredindo e a busca por igualdade de direitos não para (SALES; VERAS, 2020).

De um lado, uma moral repressiva que pretende recuperar o controle, de outro, uma apologia para a aceitação da alienação, resta saber onde essas mulheres encontrariam resistência, seria na instância da ideologia crítica de Reich (1982), ou se faria necessária também uma crítica desse comportamento sexual, porque não basta apenas politizar a questão sexual e torná-la pública, é preciso também saber se esse modo suprime a falsa consciência e encaminha uma verdadeira consciência social do indivíduo acerca do seu lugar de sujeito e o que a sexualidade representa (SILVA, 2016).

4 CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE DA MULHER: CORPO E SEXUALIDADE FEMININA

Numa busca constante de designar a identidade da mulher moderna, por estarem em um período histórico diferente daquele estudado por Freud (2016) e carregarem emoções, experiencias particulares, observa-se uma cultura que influencia na internalização desse papel que é posto para elas, cada uma com seus aspectos subjetivos, influenciado por o sociohistoricocultural, ver que essa criação da identidade está trabalhada em uma base machista e cisheteronormativa que encontrasse instalada e aceita socialmente. Mantido pelo discurso construído há séculos, de acordo com Louro (2000) desde os anos 1990, não nascemos corpos de gênero e sexualidade, mas apreendemos, ao longo da vida, a viver e estar dentro de uma norma de gênero e sexualidade previamente definida pela geração passada. A imagem e o corpo feminino foram produzidos em consonância com a emergência do que se era imposto na época e esteve marcado por um olhar masculino, branco e ocidental.

Sabe-se que as históricas do Século XIX denunciavam a Freud (2016) através dos seus sintomas, a insatisfação com a rotina de suas vidas ao lar, da maternidade e do papel colocado a elas, ainda assim, percebe-se que ele permanece preso a essas representações sociais da mulher em que figuravam considerável sujeição e conotavam dependência frente à figura masculina, do início da vida até à descoberta da ausência de um pênis. No primeiro estágio foi diferente daquilo que Freud (2016) descreve, isto é, se uma mulher se sentir firme e legitimamente mulher, então é necessário rever aquela perspectiva firmada anteriormente, e assim novos estudos como o de Kehl (2016), onde percebe-se essa nova imposição das mulheres para além da falta do pênis, mas como um ser político e social que faz parte de uma comunidade e pode modificá-la e ser modificada por ela.

Nos seus estudos Birman (2016) descreve a imagem da mulher da seguinte forma, a prostituta que é aquela que utiliza o sexo como forma de vida e se recusa a maternidade e a constituição familiar; a ninfomaniaca se caracteriza por excessivos atos sexuais e aquela que não manifesta seu interesse na mudança do papel para ela colocado, podendo surgir aqui a questão da falta de informação, o padrão e o temor as regras sociais e as da igreja, por esse julgamento de ser uma mulher dentro de uma norma que está ligado a sua imagem, ou ir e pensar para além e ser o que consideram mulheres mundanas.

Foucault (1988), em seu livro *História da Sexualidade*, considera o sexo como uma produção discursiva, sendo um construto sócio-histórico, nessa perspectiva, a sexualidade constitui-se, muito mais como uma norma cultural que governa a materialização dos corpos, do que como um dado corporal sobre o qual se impõe artificialmente a construção de gênero, onde a diferença está para além do próprio sexo biológico.

A prática clínica levou Freud (2016) a se deparar com sofrimentos de mulheres que, mesmo não sendo postos em palavras, representavam no corpo desejos e anseios que podia ir além de uma vida doméstica e contrariava as imposições das regras sociais do mundo patriarcal, linguagem que o pai da psicanálise aprendeu a escutar, através de seus estudos e análises. E nesse contexto, onde o discurso histórico questiona o modelo de mulher daquela época, que surge a clínica do desejo, observados em casos famosos estudados por ele como o de Anna O., atendida por o doutor Breuer e Dora que aumentaram o interesse de investigar de Freud e ajudou no nascimento da psicanálise como circunscreveu o feminino enquanto continente intransponível que cercou a maioria de suas teorizações, permanecendo um enigma do início ao fim de suas obras (TEODORO; CHAVES, 2020).

A histeria era utilizada pela medicina na época para insibilizar a sexualidade, em sua maioria mulheres, deixando as ficarem numa posição de sujeição ao desejo do homem, por isso, ele assume uma posição ativa diante do objeto, uma vez que ele é o ser amante e a mulher cabe a posição passiva de ser amada. Freud irá explicar melhor essa posição da mulher a partir de sua segunda teorização sobre o complexo de Édipo das altercações em relação ao sexo masculino e as diferenças entre corpo e vivência dos gozos e como se relacionam, do significativo mulher, entre outros traços pertinentes a imagem ligada ao feminino (KEHL, 2016).

Entre os conceitos encontrados de corpo e o meio de construção deste, Goellner (2015) defende que

O corpo é produto de uma construção cultural, social e histórica sobre o qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc. Ou seja, não é algo dado a priori, nem mesmo é universal: é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o

desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, bem como suas leis, seus códigos morais e sua linguagem, visto que ele é construído também a partir daquilo que dele se diz. (...) Educa-se o corpo na escola e fora dela: na religião, na mídia, na medicina, nas normas jurídicas, enfim, em todos os espaços de socialização nos quais circulamos cotidianamente. (p.135).

Assim, o papel social feminino traz consigo, em seu conjunto, não só os preconceitos já existentes no meio que vivemos, mas também a quebra de tabus que a mulher vem encarando, a representação social desta mulher moderna e histórica manifesta-se não somente num contexto sexual, mas em meios como nas representações políticas, artísticas, educacionais e econômicas que a cada dia vem ganhando espaço e abertura para debates em meio ao campo científico, marcado anteriormente por uma cultura moldado pelo patriarcalismo e machismo (GONÇALO et al., 2016).

A repressão sexual desde a criança a torna apreensiva, tímida, obediente e com um comportamento sistêmico da sua criação, assim produzindo indivíduos submissos, com medo da autoridade, entre ela a supremacia do pai ou o chefe da família. O recalamento resultado da interiorização da repressão sexual enfraquece o Eu porque a pessoa, tendo que constantemente investir energia para impedir a expressão dos seus desejos sexuais, priva-se de parte de suas potencialidades (GOELLNER, 2015; SILVA, 2016). Neste sentido, entende-se que o objetivo da repressão sexual consiste em produzir indivíduos para se adaptarem à sociedade autoritária, se submetendo a ela e temendo a liberdade, apesar de todo o sofrimento e humilhação de que são vítimas, muitas pessoas não têm o conhecimento ou suporte para liberta-se das amarras.

A mulher ainda é colocada como o objeto de desejo do homem, seus corpos pregados como algo que tem que ser trabalhado para ser desejado e almejado por outras pessoas, um físico perfeito, uma mulher de comerciais de televisão. A mídia é a principal distribuidora desse contexto errôneo de o que é a imagem da mulher, como deve se portar e viver no atual cenário, essa mesma mídia que deslegitima o poder e o fazer da mulher e de outras minorias (BALTHAZAR; MARCELLO, 2018).

Para Balthazar e Marcello (2018) a sexualidade feminina ainda é cercada de tabus entre todos, o que se observa é que muitas mulheres não conhecem a anatomia do próprio corpo e nem tocou em sua genitália, pois internalizou ser errado e assim crescem, casam-se com essa mentalidade e nas relações sexuais buscam apenas dar prazer a seus parceiros, não conhecem como sentem prazer, onde gostam e querem ser tocadas e ficam à mercê que outros, na maioria dos casos, homens, ensinam. Seguem a vida como suas mães, avós e suas ancestrais, assim como ensina suas filhas esse comportamento, criando desde berço uma identidade de reprimida.

Freud (2016), traz em seus estudos essa noção da importância da sexualidade e as possíveis consequências dessa repressão, mulheres frustradas e histéricas. Nas atualizações de estudos o que se percebe é o número de mulheres que buscam ajuda para lidarem com suas questões e frustrações no relacionamento e nas questões relacionadas a sexualidade, nos deparamos com mulheres com receio de falar do assunto, assim como com uma culpa por ser um ser desejante e que por seus desejos reprimidos pelas morais que a cercam não conseguem falar ou pedem desculpas ao comentarem sobre, como se fosse incorreto (KEHL, 2016).

Para Silva (2016), o sujeito não representa um momento particular, mas sim uma constituição de fatores que influenciam na vida dele, seguidos por movimentos e fatos marcantes da história que retrata todo esse percurso e que marca individualmente cada um, que é constituído por emoções, crenças, perdas ganhos e juízo de valores, que são agregados a formação identitária do sujeito a fatores que interferem em alguns grupos mais que em outros que é o exemplo da repressão que atinge na sua maioria mulheres e dentro de cada cultura de forma diferente.

Observa-se que há uma identidade social, que envolve uma totalidade, a sociedade, a cultura, política, religião e a identidade individual que é aquela constituída subjetivamente, mas essa última é perpassada por tudo que aprendemos no social e histórico, a identidade do sujeito é esse entrelaçado de suas escolhas, vivências, aproximação ou diferenciação do que é ensinado, percebe-se que na sua grande maioria são seres alienados que acatam o que para eles é colocado e ali internalizado. O que traz esse rompimento com certas amarras são esses sujeitos que não aceitam o que para eles é colocado e buscam meios de fuga, a fim de encontrarem e se reconhecerem no que é condizente com a sua identidade (BALTHAZAR e MARCELLO, 2018).

Mas, afinal o que é ser mulher? comporta-se como uma mulher? A psicanálise, em sua compreensão, não almeje descobrir o que é uma mulher e sim se dedica a interrogar como a mulher se constitui a partir da posição colocada a ela desde criança, para entender tudo isso a partir da história, quantas lutas e momentos que marcaram muitas das conquistas das mulheres, em ligação com sua liberdade sexual, de orientação, de toque, de desejo, de como e com quem se relacionar, definindo uma era de uma nova linha de formação da identidade feminina, mas, ainda ouvimos e vemos muitas pregações de discursos perpassados por uma moral patriarcalista e opressora vinda de fundamentos do passado (SILVA, 2016).

Muitos profissionais despreparados tratam com desprezo e fazem comentários machistas acerca dos discursos sobre a sexualidade feminina, sem tentar compreender o lado do sujeito. A terapia vem de auxílio a essas mulheres, a essa sexualidade consciente, com

profissionais que buscam ajudá-las em suas questões íntimas, assim como se perceberem dentro do papel colocado e da identidade formada frente a sua história de vida. E empregam questões relacionadas a sua liberdade e seus direitos, que só veio graças a muitas lutas e conquistas de movimentos feministas e as criações de meios de enfrentamento dos casos de repressão e anulação das mulheres, em uma sociedade onde a maioria é mulher e a representatividade é mínima (GOELLNER, 2015).

5 ESTRATÉGIAS E ENFRENTAMENTOS DAS MULHERES NUMA CULTURA PATRIARCALISTA FRENTE A REPRESSÃO SEXUAL

Para Silva (2016), visto como uma ideologia de vida, o feminino também pode ser filosófico, social e político, tendo como principal reivindicação o direito à igualdade entre homens e mulheres, tanto na vida política, quanto doméstica, cultural, profissional, educacional, da saúde e outros, ou seja, em qualquer esfera da vida ou âmbito societal em que se esteja inserida. Gonçalo et al., (2016) ainda busca compreender a respeito das “muitas incapacitações e inadequações sexuais que a mulher tende apresentar ao longo vida como implicação de uma vida opressora, estabelecida pelo modelo cultural de poder em que vive, assim, o gozo é também uma criação social e de poder” (p. 2). Onde mais uma vez percebe-se a supremacia do homem e a busca por mostrar sua força e perpassar essa linha de pensamento.

Ainda no Século XVII, para Senem e Caramaschi (2017) é importante evidenciar, que o sexo era compreendido como uma única expressão para homens e mulheres, de modo que os órgãos masculinos considerados um parâmetro, na mulher encontrava-se invertidos, o que justificava tratá-la como inferior, situação que a colocava na condição de homem imperfeito. Verifica-se que uma das principais consequências da moral sexual civilizada é a constituição da sexologia, com suas classificações, descrições detalhadas das perversões sexuais e do papel sexual atribuído a cada sujeito (BIRMAN, 2016).

Mesmo sem um marco definido, como o surgimento do movimento, pode-se evidenciar a importância de dois acontecimentos primeiro a presença das mulheres como força de trabalho dentro das fábricas durante a revolução industrial e a conquista do direito ao voto. Entre 1914 e 1918 período da primeira guerra mundial, grande parte dos homens foram convocados para batalhas e as mulheres os substituíram dentro das fábricas (BALTHAZAR; MARCELO, 2018).

As feministas da primeira onda, as sufragistas, foram consideradas mulheres de coragem, que marcharam, se manifestaram e enfrentaram a força policial. A imagem da mulher daquela época não tinha o padrão de se manifestar publicamente e muito menos tinha voz ativa,

podendo levar à prisão ou demissão qualquer um desses comportamento. Em 1960 alguns direitos foram conquistados e juntamente com o crescimento da mulher frente ao mercado de trabalho, afloram outras reivindicações, visando a luta sobre o movimento feminista, entre elas, autonomia, sexualidade, família, corpo, reprodução, trabalho e outros direitos legais (SILVA, 2016).

Segundo Goellner (2015), muitas mulheres aparecem a frente de movimentos para enfrentar a cultura machista da época, podemos observar as muitas imposições e mortes de mulheres que lutaram pelo direito que temos na atualidade, a mulher conseguiu direito a voto, a inclusão na política, em empresas, em cargos que antes não tinham acesso. Serviços como a organização não governamental SOS Mulher, especializados para combater e dar assistência a mulheres vítimas de violências domésticas, são criadas. Estas organizações, começam a se expandir pelo país e os direitos vão surgindo no mundo, com essas lutas e com os novos órgãos que foram criados.

Uma mulher que foi grande referência na segunda onda do movimento feminista, citada até atualmente, é Simone de Beauvoir (1970), que em sua obra aponta para a ideia de que a mulher é o segundo sexo, não por razões naturais e inatas, mas por influência dos fatores sociais e históricos que levaram a mulher a essa condição, através do que é aprendido e internalizado (SILVA, 2016). Uma análise sobre as mudanças no papel da mulher, partindo da mulher pré-histórica que era inferior por seu diferencial no corpo, fraquezas físicas e com a era moderna e o surgimento de novas técnicas e máquinas, essa realidade só atinge uma proporção mais simétrica, longe da igualdade, com o mundo industrializado, onde a mulher trabalha fora do lar, assim como os homens e passam a ser contratadas formalmente, mas que não tem os mesmos direitos que eles exercendo as mesmas funções.

Do ponto do biológico, descreve-se a base biológica da mulher, como a sua anatomia e o lugar de fêmea nas espécies da natureza, com o entendimento mais corpo e sobrevivência, no psicanalítico diz respeito ao desenvolvimento do genital e o desenvolvimento posterior a ele, descrevendo que o processo na menina é muito mais complexo do que no menino e falar dos escritos de Freud acerca do Complexo de Édipo e da Castração, também temos o ponto analisado pelo materialismo histórico que discute uma abordagem teórica elaborada principalmente por Karl Marx, presente na sociologia, antropologia e também na psicologia (COLLING; ACOM, 2019). São vários os pontos de vista que podemos pensar essas estratégias de enfrentamento, em busca de direitos, de reconhecimento, de liberdade, os estudos desde muitos anos nos apresentam essa busca que continua até atualmente.

O ano de 2000 é marcado pelo início a Marcha Mundial das Mulheres, onde mulheres foram às ruas em 50 países principalmente contra a violência sexista, nesse ano ocorreu um grande número de manifestações nas ruas por todo o mundo, e as formas de busca de direitos frente ao pensamento de que a mulher tem poder. Atualmente o movimento feminista tem ganhado força e grande parte das suas obras e formas de atuação são feitas através da internet, uma ferramenta que traz facilidade e meios mais práticos de alcance para um maior número de pessoas e de rápido e fácil acesso por todos. Para Colling e Acom (2019), podemos nomear como uma nova forma de ativismo, considerada um ativismo virtual esta nova configuração e participação das causas feministas mesmo sem sair de casa, na palma da mão e ao alcance de maior público.

Estratégias como greves, movimentos da classe, reuniões e palestras que ainda são utilizados para ensinar meninas e mulheres a respeito de como é a realidade desse percurso, assim como a liberdade que se tem do sim ou não. E os direitos conquistados durante anos de lutas, ainda não acabou, a busca pela igualdade de gênero ainda é pautada em muitos estudos. já que continua notório a diferença de tratamento entre homens e mulheres (GOELLNER, 2015). No Brasil o que podemos ver, é o quanto a mulher é vítima de tantas violências e a dificuldade de muitas saírem de onde se encontram. Um ponto que afeta é as desigualdades, outro a falta de informação que afeta principalmente as que ficam as margens da sociedade, estas são oprimidas enquanto observamos opressores se vangloriar sobre tantas mazelas sociais (HEILBORN, 2006).

É parte do objeto de reflexão, no qual é impossível separar a vida cotidiana das mulheres militantes, com suas frustrações, seus desejos e expectativas sobre os rumos dos movimentos, da adesão, aceitação e da luta, da acadêmica e seu objeto de análise. Para Costa (2005), “Ao afirmar que o pessoal é político, o feminismo traz para o espaço da discussão política e as questões até então vistas como exclusivas do ambiente privado, quebrando essa dicotomia público-privado, base do pensamento liberal sobre as especificidades do poder político” (p.2). Ao utilizar essa bandeira de luta, o movimento feminista chama a atenção das mulheres sobre o caráter político da sua opressão, vivenciada de forma isolada e individualizada no mundo do particular, identificada como meramente pessoal, e único a classe, a fim de que homens continuem tendo cargos e privilégios e as mulheres o mesmo papel de anos atras.

No Brasil o movimento social de resistência ao regime militar seguiu ampliando-se, novos movimentos de liberação, outros grupos se uniram as feministas para proclamar seus direitos específicos dentro da luta geral. Em linhas gerais, poderíamos caracterizar o movimento feminista brasileiro dos anos 1970 como fazendo parte de um amplo e heterogêneo movimento

que articulava as lutas contra as formas de opressão das mulheres na sociedade com as lutas pela redemocratização (GEZONI, 2011).

A transnacionalização dos discursos e das práticas do movimento feminista propiciados pela capacidade de articulação de algumas ONGs e de feministas profissionalizadas que aumentaram sua influência nos âmbitos políticos em nível mundial, regional e nacional, interferindo em pautas, em deliberações, definição de ações políticas, de conceitos acerca do feminino, seus estudos e busca da inserção em outros âmbitos foi marco importante dessa luta no Brasil e do mundo (SALES; VERAS, 2020).

Para tal libertação, Silva (2016) propõe que homens e mulheres se vejam como semelhantes e entender que nos aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e sexuais não pode haver diferenças, pois, são seres humanos iguais entre si, que o biológico não pode mudar as formas de viverem em sociedade e nem que um seja superior ao outro, a sexualidade não está apenas voltado ao ato sexual ou a noção de sexo biológico, mas com toda uma história de vida, de lutas, repressões, desejos, desenvolvimento e afeta todos os âmbitos da vida do sujeito. Sendo essa compreensão necessária para mudar o rumo da formação identitária das mulheres, assim diminuído diversos conflitos de ordem sexual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a sexualidade feminina não é tarefa fácil por inúmeros motivos, dentre eles, encontra-se as várias dimensões do ser humano que envolve, do anatômico e fisiológico passando pelas crenças e fantasias mais íntimas até se instalar nas repressões, nos ensinamentos culturais tabus e moralizações sociais. Todas essas variáveis situam-se no ponto de intersecção entre os movimentos próprios a vida e os efeitos particulares das instituições, da cultura e locais onde o sujeito se encontra, afetando diretamente sua criação identitária e a forma de ver o mundo.

O fato é que existe uma conjunção de elementos que atuam nesse prejuízo da qualidade sexual da mulher, considerando que para uma sexualidade satisfatória é fundamental que a pessoa conheça bem o próprio corpo, seus desejos e fantasias, mas, como isso é possível se há toda uma manipulação trabalhada no sentido de a mulher não se tocar, não pensar em sexo e sentir-se culpada por sentir desejo, mulheres que são tratadas como depósitos de sêmen dos próprios maridos, que sequer se importam com a satisfação delas.

Muitas mulheres não compreendem a respeito de muitas questões da sua sexualidade e dos seus direitos e são submetidas a relacionamentos abusivos, passam por assédios, momentos

frustrantes e não sabem o que fazer ou ao que recorrer por desconhecerem, movimentos e meios que podem ajudá-las a entender e sair desse ambiente adoecedor. O movimento feminista teve uma importância fundamental para a consolidação dos direitos da mulher da forma que vemos hoje, o que marca as lutas e conquistas desses direitos e dessa vivência mais plena em relação à sexualidade, além de atualmente ser base forte no enfrentamento da violência contra a mulher.

Nas leituras foi evidente, a partir dos dados científicos analisados para construção deste estudo, que a junção entre o externo, o que é instruído à mulher desde seus primeiros dias de vida, fatos como a maneira que deve se portar, agir, sentar, falar, e ser, norteia inconscientemente a maneira de como esse sujeito vai vivenciar sua sexualidade e relações conjugais e amorosas, assim como quanto o fator sociocultural influencia não só no comportamento habitual da mulher, mas com reflexos inclusive na vida sexual, no seu reconhecimento como sujeito e formação de sua identidade.

Para o campo da Psicologia e da psicanálise, as visões aqui trabalhadas foram possíveis de notar que embora a sexualidade feminina seja muito importante não apenas para a mulher, temos estudos e autores interessados no campo, mas, muitos conceitos que observamos ultrapassados, há uma mudança de todo o contexto em que essas mulheres estão inseridas e as mudanças na sociedade em geral, ainda são escassos os debates que procuram estigar mudanças de comportamentos e compreensões não só relacionadas à sua vida sexual, mas em todo o contexto econômico, político, social, educacional e cultural que esta mulher está inserida e que assim possa viver com seus direitos e sua identidade preservada e não à margem de uma sociedade com valores e padrões fortemente machistas.

Pelo material analisado, conclui-se que as mulheres são influenciadas desde muitos séculos por uma sociedade patriarcalista como se portarem e reprimirem seus desejos, assim gerando prejuízos em vários âmbitos de suas vidas e do seu desenvolvimento sexual e funcional. O sociohistoricocultural é fator influente na definição da identidade feminina assim como sobre seus corpos. Portanto é notório a obtenção do objetivo do estudo, já que este nos possibilitou compreender o percurso histórico acerca dessa repressão, de como a cultura influencia no corpo, na identidade, valores e costumes dos sujeitos, também observamos o quanto houve lutas e busca por direitos para as mulheres, essas, responsáveis por ajudá-las a viverem uma sexualidade mais plena, percebendo que a sexualidade é parte importante no nosso desenvolvimento. Demais, faz-se necessário mais estudos para aprofundar o assunto, assim como, mais pesquisas de campo para melhor compreender a visão feminina sobre essa variável.

REFERÊNCIAS

- BALTHAZAR, G. S.; MARCELLO, F. A. Corpo, gênero e imagem: desafios e possibilidades aos estudos feministas em educação. **Rev. Bras. Educ.** v. 2, p. 1-23. 2018. disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gffD9Y5bvpprPL9rxP73KQF/?lang=pt> Acesso em 10 abr. 2021.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Difusão Europeia do Livro, 2ª Edição, 1970.
- BIRMAN, J. 2016. **Gramáticas do erotismo**: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise. 2ª edição. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2016.
- COLLING, A. M.; ACOM, A. C. Corpo feminino, corpo político: de fustigado à devorador do instituído. **Revista Prâksis**. v.2, p. 128–147, 2019. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/1855>. Acesso em: 12 mai. 2021.
- COSTA, A. A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**. v.5, n.2, p 1-20.2005. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31137/18227>. Acesso em: 23 mai. 2021.
- ELIAS, C. S. R. et al. Quando chega o fim? uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto. v.8, n..1, p. 48-53. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762012000100008&lng=pt&nrm=iso. acessos em: 17 abr. 2021.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. A vontade de saber. 9ª edição. Rio de Janeiro, Graal, 1988.
- FREUD, S., **três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)** tradução Paulo César de Souza. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GEZONI, A. L. **Sexualidade feminina**: aspectos culturais da repressão sexual e suas consequências. 2011. disponível em: <https://www.redepsi.com.br/2011/03/26/sexualidade-feminina-aspectos-culturais-da-repress-o-sexual-e-suas-consequencias/>. Acesso em: 24 de nov. 2020.
- GOELLNER, S. V. Corpo. In: **Dicionário Crítico de Gênero**. p. 141-144. Dourados. UFGD, 2015.
- GONÇALO, D. R. S.; NASCIMENTO, J. P. S.; SANTOS, M. B. S.; ARAÚJO, M. Y. **Sexualidade feminina: da repressão ao "não orgasmo"**. UNIT. Produção bibliográfica: Artigos completos publicados em periódicos. Maceió. 2016. Disponível em: <https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/bitstream/handle/set/3345/TCC%20PARA%20O%20CD.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 mai. 2021.
- HEILBORN, M. L. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Revista Estudos feministas**, Florianópolis. 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/H9vcsRTzLyVBFPg6kCbyn6q/abstract/?lang=pt> Acesso em: 02 de nov. de 2020.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. 2ª edição. São Paulo. Boitempo. 2016.

LAURETIS, T.de. A tecnologia de gênero. Tradução de Suzana Funck. In. HOLANDA, H. (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro. Rocco, 1994. p. 206-242.

LOURO, G. L. **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. 2ª edição. Belo Horizonte. Autêntica. 2000.

PRIORI, M. D. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª edição. São Paulo. Contexto. 2006.

RAGO, M. Os mistérios do corpo feminino, ou as muitas descobertas do “amor venéris”. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. v. 25 p.181-195, PUC-SP, São Paulo, 2002, Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10587>. acesso em: 29 de mar. de 2021.

REICH, W. **A Revolução Sexual**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

SALES, T. S.; VERAS, H. R. B. A participação feminina na política brasileira. **Revista de Direito**. V.12, n.2 p. 01-21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/revistadir/article/view/10256>. Acesso em: 31 maio. 2021.

SENE, C. J; CARAMASCHI, S. Concepção de sexo e sexualidade no ocidente: origem, história e atualidade. **Barbarói**. n.49, p. 166-189. 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/6420/6910>. Acesso em: 25 abr. 2021.

SILVA, L. J. **O feminino e o feminismo sob o olhar da psicanálise**. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. 2016. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/4293/Li%20de%20Jesus%20da%20Silva.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em : 12 abr.2021.

TEODORO, E. F.; CHAVES, W. C. Sexualidade no território freudiano: uma cartografia moral da diferença sexual. **Rev. Latinoam. psicopatol. fundam.** v.23, n.1, p. 99-120. São Paulo. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142020000100099&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 de maio de 2021.

XAVIER FILHA, C. A sexualidade feminina entre práticas divisoras: da mulher "bela adormecida" sexualmente à multiorgástica - imprensa feminina e discursos de professoras. In: RIBEIRO, C. M.; SOUZA, I. M. S. de. (Org.). **Educação inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção**. 1ª edição. Minas Gerais: Editora da UFLA. 2008.p. 84-95.